

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: P10 geral 64

Data: 11.01.79 Pg.: 18

ESP 11.01.79

Ex-diretor do Parque Xingu contesta Apoena

Da sucursal de
BRASÍLIA

O ex-diretor do Parque Xingu, Olímpio Serra, disse ontem, em Brasília, que não aceita as acusações feitas pelo atual diretor Apoena Meirelles de que ele teria acelerado o processo aculturativo do índio do Xingu, atribuindo esse fenômeno à construção da rodovia BR 080 e às agropecuárias que se instalaram ao redor do Parque. O etnólogo afirmou, ainda, que as declarações feitas por Apoena Meirelles têm um lado positivo pois servem para confirmar a constatação de que o índio do Parque mudou, não sendo mais "aquele índio símbolo, sempre mostrado nos documentários do tipo Amaral Neto".

"Sem dúvida — disse Olímpio — entre o Xingu-símbolo e o Xingu — ele mesmo — há uma diferença desconcertante, na medida em que se acredite e cultue a utopia do índio-puro. Não queremos dizer com isso que os xinguanos não sejam autênticos. Eles são e o serão. Basta que eles retirem, e não se lhes volte a impor, o pesado fardo de viverem a metáfora de si próprios".

ELITES

O etnólogo disse que não formou no Xingu uma elite de índios, como afirmou Meirelles, adiantando que no Parque sempre existiu "desde os tempos míticos dos Villas Boas" uma equipe indígena consciente, capaz e eficiente, respondendo por todos os serviços do parque. "Suspeitamos de elitismo quando lá chegamos — afirmou — mas vimos logo, lá convivendo, a extrema habilidade dos Villas Boas em formarem indivíduos, por assim dizer bi-culturais. Vanguarda esta que, além da defesa de seus grupos, poderia responder, no futuro em sistema interétnico, pela autodeterminação xingwana. Estes índios são assalariados por questão de justiça trabalhista e, também, por aprendizado".

Quanto à acusação de que Olímpio Serra havia deixado um sofisticado circuito de televisão no Parque, o ex-diretor esclareceu que o equipamento

citado, na verdade, não passa de um gravador vt acompanhado de um televisor que se destinava ao trabalho de conscientização dos índios, no sentido de seus próprios valores. Quanto aos outros equipamentos citados, como o de caça submarina, já existiam no parque quando lá chegou, em 1975".

ACULTURAÇÃO

Rebatendo a acusação de ter acelerado o processo de aculturação, disse Olímpio Serra que, desde a década de 60, os índios kalapalo vinham tendo experiência de trabalho em fazendas. "Todo o nosso esforço — frisou — ao contrário do que se diz, foi dispendido na radicalização dos mecanismos de defesa próprios desses grupos tribais, a começar, sobretudo, por suas manifestações culturais. Os efeitos, até certo ponto, nos gratificam: no ano passado, por exemplo, celebrou-se um ritual que, há mais de 80 anos, não ocorria".

Olímpio disse também que foi sua preocupação enfatizar a autonomia das lideranças tribais, "cujo nível — segundo acentuou — depois de tanto protecionismo branco, não encontra paralelo em nenhuma área da Funai, salvo nos postos de atração com índios recém-contatados". Como exemplo Olímpio Serra citou o problema dos índios txucarramae com a fazenda Agropexim. Os índios, em 1976, atacaram a fazenda matando dois empregados. "Quando, nessa oportunidade ficamos sabendo as razões desse gesto, fundamentalmente erro na delimitação legal da área, endossamos a posição das lideranças indígenas. A Funai assumiu a defesa dos fazendeiros."

Olímpio Serra disse, ainda, que para ele constitui fator de constrangimento voltar ao caso xingvano, pois existem problemas muito mais sérios e situações mais críticas. "Sobre isto — concluiu — no limiar dessa história estão muitos heróis que prezamos. De Chico Meirelles aos Villas Boas. É um sentimento difícil de exprimir. Algo assim como quando na infância, descobrimos que Búfalo Bill acabara num circo".



Foto Sérgio Borges — Telefoto Estado

Olímpio admite que o Xingu mudou, como disse Apoena, mas para melhor